

Entre a fábrica e a rua: A Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a criação de um espaço operário. Bairro da Várzea, Pelotas, RS (1953-1974)

Cíntia Vieira ESSINGER¹

“Pelas histórias de lugares, eles se tornam habitáveis. Habitar é narrativizar. Fomentar ou restaurar esta narratividade é, portanto também uma tarefa de restauração. É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas que jazem de vez em quando num simples nome, dobradas neste dedal como as sedas da feiticeira.”

Michel de Certeau e Luce Giard

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido durante o mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, e teve como objetivo principal registrar as vivências que se deram em um antigo espaço operário pelotense, a zona da Várzea, entre as décadas de 1950 e 1970. É resultado de um aprofundamento da pesquisa intitulada *Bicho da Seda: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem de Pelotas* (ESSINGER, 2007), realizada durante a especialização em História do Brasil. No citado trabalho as residências de operários das fábricas de fiação e tecelagem de Pelotas foram mapeadas através dos endereços anotados no Livro de Registros de Sócios do Sindicato de Empregados das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Pelotas, e foi constatado que grande parte deles residia na zona da Várzea.

Através do presente trabalho buscou-se então responder a questionamentos que se faziam presentes nas reflexões da autora: como seriam os dias deste lugar quando operários e operárias andavam apressados em direção ao serviço, ou voltando para suas casas? Que memória ficou retida acerca deste espaço operário? Como era trabalhar e viver nesta zona, nas décadas de 1950, 60 e 70?

Motivado por estas inquietações, o estudo teve como principais fontes entrevistas com 12 ex-operários da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense, além de registros do Sindicato de Empregados das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Pelotas, documentos da fábrica, processos da Justiça do Trabalho, periódicos da época, mapas, plantas arquitetônicas e fotografias.

¹ Arquiteta e Urbanista, graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, especialista em História do Brasil (ICH/UFPel), mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH/UFPel). E-mail: umajanela@gmail.com

O produto final tratou da descrição da vida dos trabalhadores da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e moradores do bairro da Várzea e das relações por eles estabelecidas, do espaço da produção para o espaço da rua e vice-versa, buscando identificar seus lugares de sociabilidade, de conflito, seus trajetos e personagens.

METODOLOGIA

Para compreender o universo em estudo, as entrevistas realizadas com ex-operários da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense foram fundamentais. Através das memórias do tempo em que trabalharam na *fábrica de tecidos*, os entrevistados conduziram a pesquisadora à realidade da cidade e do espaço no qual viviam naquela época, e mostraram os caminhos para a reconstituição daquele momento, com seus trajetos e seus lugares de sociabilidade. Conforme Nuncia Constantino (2006, p.64) com a História Oral o pesquisador cria fontes, auxiliado pelos que vivenciaram e narraram os fatos passados. Os relatos deram pistas sobre lugares, fatos e momentos da época estudada, e a pesquisa em fontes primárias recolheu outras peças do quebra-cabeças, que foram agrupadas e montadas num todo, um texto que descreveu uma realidade social que foi narrada pelos informantes, mas que passou pelo filtro da interpretação do pesquisador.

As entrevistas foram gravadas com aparelho digital, e transcritas. A seguir foram todas analisadas e categorizadas, e os temas que surgiram foram o guia para a elaboração do texto.

Para esta reconstituição do passado através dos fragmentos de memória, o trabalho foi pautado pela pesquisa qualitativa, que segundo Denzin e Lincoln (2006, p.17) envolve a coleta e o uso de uma variedade de materiais empíricos com o objetivo de descrever “momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos”.

Neste sentido, as informações adquiridas junto aos entrevistados, foram complementadas pela pesquisa em outras fontes. Os periódicos da época auxiliaram na apreensão do cenário que era encontrado na época, forneceram fotografias da cidade e de eventos que ocorriam no momento, mostraram a realidade da cidade. Os mapas urbanos mostraram o crescimento da cidade, principalmente quando se buscou entender a criação e desenvolvimento da zona da Várzea. Os documentos da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense, principalmente os relatórios da diretoria, foram fundamentais para que se pudesse compreender sua trajetória desde a fundação até a falência. Os processos junto à Justiça do Trabalho serviram para complementar o panorama das relações de trabalho entre os colegas e entre os trabalhadores e mestres e patrões, fornecendo informações que não apareceram nos relatos.

Esta diversidade de materiais utilizados para a reconstituição do espaço operário da Várzea, assemelha o pesquisador a um *bricoleur*, que a partir do estudo e da montagem das peças de um quebra-cabeça começa a perceber a imagem do todo (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.18).

A CRIAÇÃO DO BAIRRO DA VÁRZEA

O bairro da Várzea² teve sua ocupação iniciada a partir da implantação do porto ao sul da

cidade, às margens do canal São Gonçalo, na década de 1830. A ocupação efetiva se deu de forma vagarosa a partir deste momento, mas recebeu mais força com a desobstrução da foz do referido canal na década de 1870 e com a ligação da área à malha urbana já consolidada através de ruas e de uma linha de bondes.

A partir do final do século XIX, com o declínio da atividade saladeiril, inicia-se a criação de um núcleo fabril em Pelotas, e por influência do das melhorias na estrutura portuária, as zonas do porto e da Várzea atraíram algumas das empresas de maior importância econômica e também que maior número de operários concentraram, entre elas a Cervejaria Sul-Riograndense, a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e a Companhia Frigorífica Rio Grande, que mais tarde tornou-se o Frigorífico Anglo.

A concentração fabril foi um fator que contribuiu para a ocupação da zona sul e leste da cidade pelas famílias operárias. Estimulados pelos incentivos oferecidos pelas legislações municipais que, a partir de 1913, isentaram impostos para a construção de casas populares e pela possibilidade de lucro com aluguéis, proprietários de terrenos naquela zona construíram vilas e conjuntos de casas geminadas e em fita. A figura 1 mostra o mapa que espacializou os endereços encontrados no Livro de Registros de Sócios do Sindicato de Empregados das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Pelotas, e se pode perceber a recorrência de habitações vizinhas, o que pode indicar que pertencessem a conjuntos de aluguel

A FÁBRICA DE TECIDOS

Fundada em 1908, a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense começou a produzir a partir de 1910, quando foi concluída a construção de seu complexo fabril que ocupou um quarteirão na zona da Várzea. Fabricava fios e tecidos de algodão e empregou centenas de

² A Prefeitura Municipal de Pelotas não trata, administrativamente, a área em estudo como um bairro. Neste trabalho decidiu-se assim considerá-la por ser uma área com características homogêneas, conforme as definições de bairro desenvolvidas por Aldo Rossi (1995) e Kevin Lynch (1999).

operários que estavam divididos entre as diversas seções de produção, como a fiação, a tecelagem, o acabamento, a revisão. O serviço era realizado em meio à poeira do algodão, o vapor quente e o barulho das máquinas, ambiente que caracterizou o interior da fábrica em todos os relatos. Outro aspecto marcante do trabalho eram os acidentes que certas vezes ocorriam, entre os quais os mais freqüentes eram aqueles com a lançadeira.

Foi a partir das relações travadas dentro da fábrica de tecidos que se buscou entender o cotidiano dos operários que viviam na zona da Várzea. Dentro deste ambiente fabril amizades cresceram, famílias se formaram, laços foram consolidados e continuaram a existir fora dos portões da empresa. O apito ditava os horários, avisando que eram sete e trinta, servindo tanto aos seus operários quanto àqueles que moravam nas redondezas, chamando a atenção para a hora de sair de casa ou avisando às famílias que em seguida os operários retornariam após mais uma jornada. Além de marcar o compasso dos dias, a fábrica também criou espaços de sociabilidade que reuniam nos finais de semana tanto os trabalhadores quanto os moradores da Várzea: o campo de futebol, os bailes na “sede” do Esporte Clube Fiação e Tecidos. No carnaval, pelo menos durante dois anos, o bloco Filhos do Trabalho, constituído apenas por operários da fábrica, se misturava aos outros blocos da cidade, seguindo desde o prédio fabril até o centro da cidade.

As relações que se davam no interior da fábrica eram de hierarquia, entre mestres e operários e de união e cumplicidade, entre os trabalhadores. As lembranças de companheirismo que permaneceram na memória dos ex-operários fez com que freqüentemente utilizassem as expressões família ou irmandade para se referirem ao relacionamento entre colegas. Mas também havia momentos tensos entre eles, que foram trazidos à tona pelo estudo nos processos junto à Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho.

Entre as entrevistas com os homens e com as mulheres, pode-se perceber ainda uma distinção entre as memórias: as mulheres, cuja memória se apresentou mais subjetiva, lembraram mais de aspectos da convivência entre as colegas e da solidariedade entre elas. Já os homens relembavam com mais nitidez o funcionamento de máquinas, a logística entre as seções da fábrica, e os momentos de lazer junto aos colegas, principalmente nos jogos de futebol.

O BAIRRO DA VÁRZEA

As amizades que se iniciavam no ambiente de trabalho da fábrica de tecidos iam se desenvolver no dia-a-dia dos operários fora dali, em suas casas, nos bailes, nos cinemas, no lazer dos finais de semana. Os namoros viraram casamentos, vieram os filhos, que

viraram amigos dos filhos dos colegas. Da mesma forma, as amizades que foram travadas na rua, poderiam levar os companheiros para o convívio da fábrica, já que era por indicações que se conseguia uma vaga para trabalhar.

As condições de vida enfrentadas por todos os operários influenciavam na sua forma de trabalhar, no seu rendimento na produção. Se houvesse enchente, menos trabalhadores poderiam chegar à Companhia. Se houvesse carestia de alimentos, talvez eles ficassem menos fortes para enfrentar a jornada, e se houvesse reivindicações de classe, eles participariam. Novamente os relatos dos antigos operários que guiaram a pesquisa por esta parte da história da zona da Várzea, amparada sempre pelas notícias veiculadas em periódicos da época.

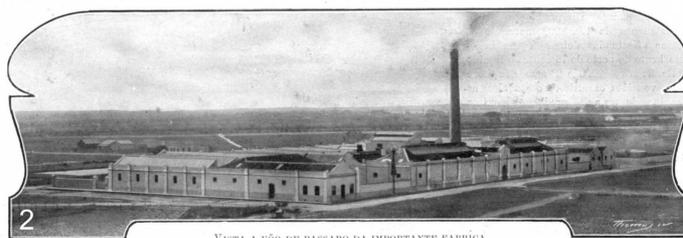
Descortinar este passado através das lembranças dos mais velhos teve o valor do encontro com uma obra de arte, como indicou Ecléa Bosi (1987, p.41) quando observou que “um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente.”

CONCLUSÃO

Através deste estudo foi possível registrar parte do passado desta área da cidade, e perceber a relação que se dava entre os lugares da fábrica e da rua, lugares que se complementavam, que se refletiam, que influenciavam um ao outro.

Atualmente o prédio da empresa que em 2008 faria 100 anos permanece conservado pelo proprietário, que ali produz cerveja e aluga alguns dos galpões. Os documentos do Departamento Pessoal também estão guardados em uma das salas do prédio, alguns já deteriorados, e junto a outros indícios da vida da fábrica, como a caldeira, são vestígios os materiais que ainda restam. A chaminé recebeu um grande letreiro branco com o nome desta cervejaria, e com o passar dos anos talvez o “prédio da Fiação” já seja reconhecido por outra designação.

Para preservar a lembrança deste espaço fabril e de toda a área que o cerca como um lugar operário, as memórias daqueles que por ali transitaram e viveram foram imprescindíveis. Somadas aos documentos oficiais e fotografias, animaram a reconstituição deste passado até então não registrado.



1 - Concentração dos endereços operários na zona da Várzea. Décadas de 1950-60. Fonte: ESSINGER, 2007, p. 118. 2 - O prédio da fábrica de tecidos. Vista geral. Fonte: DOMEQ, 1916, p.227. 3 - Seção de tecelagem. Fonte: Acervo fotográfico Projeto Pelotas Memória. 4 - Os funcionários da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense pousando para foto no pátio da fábrica. Década de 1960. Fonte: Acervo fotográfico Projeto Pelotas Memória. 5 - Vista da chaminé a partir do portão do pátio da fábrica de tecidos. Fonte: Foto da autora, 2007.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1987.

CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos (PUCRS)**, Porto Alegre, v. XXXII, n. 1, p.63-73, jun. 2006.

DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvona S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOMEQ & CIA, Monte. **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Estabelecimento Graphico Thomas, 1916.

ESSINGER, Cíntia Vieira. Bicho da Seda: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas. **História em Revista – Núcleo de Documentação Histórica ICH/UFPel**, Pelotas, v.12/13, p.97-143, dez 2006/dez 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.